

***De intellectu*: Textos gregos, árabes, latinos e hebraicos e sua influência na Filosofia Medieval. Homenagem a Rafael Ramón Guerrero**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 6 e 7 de fevereiro de 2020

A filosofia mudou radicalmente durante a Idade Média como resultado da tradução de um número considerável de textos de Aristóteles e seus seguidores, do grego para o árabe, o latim e o hebraico. Por exemplo, as questões epistemológicas e antropológicas foram repensadas e substancialmente remodeladas no mundo latino após a tradução do *De anima* por Tiago Veneza e Guilherme de Moerbeke (ambos a partir do grego), e por Michael Scot (a partir do árabe, juntamente com o Grande Comentário de Averróis), depois de ter sido sucessivamente traduzido para siríaco e árabe. Este processo crucial e complexo prolongou uma já longa história de paráfrases e comentários sobre essa obra em grego, siríaco e árabe.

A discussão entre os latinos de *De anima* III.4-5, sobre o intelecto, foi condicionada ou dirigida por um grande número de textos de diferentes períodos. Entre esses textos estão os comentários ou paráfrases sobre o *De anima* por Alexandre de Afrodísias, Temístio, Simplício, João Filópono e Averróis, assim como outros curtos tratados entre os quais o *De intellectu et intelecto* de Alexandre de Afrodísias, o *De intellectu* de al-Kindī, o *De intellectu et intelecto* de al-Fārābī, a *Epistola de connexione intellectus abstracti cum homine* de Averróis e a *Epistola de intellectu* pelo seu próprio filho. Em várias outras obra o “intelecto” desempenha um papel crucial, como no caso das *Enéadas* de Plotino, parafraseadas na *Theologia Aristotelis* árabe, ou na *Elementatio Theologica* de Proclo, transmitida em epítome pelo *Liber de causis*. Outras obras contribuíram para o debate, como o *Liber de anima* de Avicena, a *Summa theoricæ philosophiæ* de al-Ghazālī, o *Grande comentário ao De anima* de Averróis, o *Dux neutrorum* de Maimónides, o *Liber de definicionibus* de Isaac Israelita, para além de textos da tradição cristã como o *De natura hominis* de Nemésio de Emesa, ou o comentário ao *De anima* por Sophonias. Uma mudança similarmente radical ocorreu na filosofia judaica do século XIII através da tradução para o hebraico de muitos desses mesmos textos, ao mesmo tempo que uma mudança de sentido diferente ocorria na filosofia árabe.

“Nous” – traduzido como *‘aql, sekhel, intellectus* e seus derivados vernaculares – tornou-se um conceito filosófico fundamental na Antiguidade tardia e na Idade Média, intimamente ligado a uma ampla gama de questões em psicologia, epistemologia, metafísica e ética. Contudo, devido à sua centralidade e às múltiplas interpretações e soluções conflictivas que o acompanham, o “intelecto” tornou-se um problema complexo e controverso, que autores e comentadores tentaram desemaranhar no âmbito de tradições por vezes sobrepostas: platonismos, aristotelismos, neoplatonismos e estoicismo. Os modos como o intelecto foi conceptualizado ao longo desse período influenciaram e moldaram as discussões de problemas filosóficos fundamentais, tais como a relação corpo-alma, conhecimento intuitivo e por abstração, conteúdo mental, formas inteligíveis, imortalidade da alma, felicidade e fim último do homem.

Para celebrar a carreira e as contribuições académicas de Rafael Ramón Guerrero, pretendemos colocar em discussão a pesquisa atual sobre textos e problemas relativos ao intelecto dentro dos quatro espaços linguísticos em que as teorias aristotélicas desempenharam um papel central. Também encorajamos a submissão de contribuições centradas na circulação e difusão desses e outros textos, que os intervenientes históricos nos espaços linguísticos grego, árabe, latino e hebraico usaram para facilitar, moldar e transformar debates específicos sobre o intelecto em discursos que se tornariam predominantes na história da filosofia.

Rafael Ramón Guerrero (Granada, 1948), Professor de História da Filosofia Medieval e Árabe na Faculdade de Filosofia da Universidade Complutense de Madrid, ao longo da toda a sua carreira deu uma destacada contribuição para o desenvolvimento do ensino e pesquisa em Filosofia Medieval. Obteve o doutoramento em Madrid em 1979 orientado por José Antonio García-Junceda com a tese intitulada *Contribución al estudio de la filosofía árabe: Alma e Intelecto como problemas fundamentales de la misma*, que constituiria a base para o seu livro *La recepción árabe del De anima de Aristóteles: Al-Kindi y Al-Farabi* (Madrid 1993). A este problema dedicou atenção em múltiplas publicações e traduções de filósofos árabes, ensino, conferências, supervisão de teses de doutoramento e direção de projetos de pesquisa. O seu trabalho é reconhecido internacionalmente e a sua atividade académica é particularmente influente em Espanha, Portugal e América Latina. Com este colóquio internacional, os seus discípulos, colegas e amigos pretendem homenagear o professor, o investigador e o académico.

Chamada de Participação

Aberta até 30 de outubro de 2019. Enviar por email para gfm@letras.up.pt uma proposta contendo: nome, instituição, título, e um resumo de até 300 palavras.

Apresentação: 20 minutos + discussão. *Línguas*: Inglês, Português, Espanhol, Francês, Italiano, Alemão.

Comissão organizadora

José Meirinhos, Celia López, José Higuera (Porto) — Nicola Polloni (Berlin) — Pedro Mantas España (Córdoba).

Comissão científica

Amos Bertolacci (Pisa; Lucca)
Alexander Fidora (Barcelona)
Catarina Belo (Cairo)
Charles Burnett (London)
Cristina d'Ancona Costa (Pisa)
Gregorio Piaia (Padova)
Jean-Baptiste Brenet (Paris)
José Luis Villacañas (Madrid)
José Meirinhos (Porto)
Josep Puig Montada (Madrid)
Jules Janssens (Leuven)
José Luis Fuertes Herreros (Salamanca)
Katja Krause (Berlin)
Luis Alberto De Boni (Porto Alegre)
Mário Santiago de Carvalho (Coimbra)
Steven Harvey (Ramat Gan)
Thérèse Cory (Notre Dame)

Patrocínio científico

Sociedad de Filosofía Medieval (Salamanca - Córdoba - Porto) — Sociedade Portuguesa de Filosofia.

Organização

Medieval and Early Modern Philosophy TL - Instituto de Filosofia da Universidade do Porto.

Financiamento

Fundação para a Ciência e a Tecnologia; Universidade do Porto.